

## DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: MITO OU REALIDADE NA EMERGÊNCIA DE UM NOVO PARADIGMA?

**Alcionê Damásio Cardoso**

**Fábio Boeing**

**Lisandro Coelho<sup>1</sup>**

**Resumo.** Este artigo destaca a crise ambiental vivenciada a partir da gênese da indústria, que condicionou o ser humano e outras espécies a uma vida de risco e incertezas. Tendo como base uma revisão de autores que têm dedicado seus estudos à questão ambiental, esta sistematização apresenta os níveis de degradação conferidos ao planeta e discute a necessidade de desenvolvimento de políticas ético-ambientais que minimizem a crise ecológica da conjuntura atual. Sua intenção é colaborar com reflexões acerca de um novo paradigma que contemple a sustentabilidade, indispensável para assegurar dignidade e qualidade de vida às populações que ainda serão geridas pela mãe Terra.

**Palavras-chave:** Sociedade, Meio ambiente, Paradigma econômico, Sustentabilidade.

## SUSTAINABLE DEVELOPMENT: MYTH AND REALITY IN THE EMERGENCY OF A NEW PARADIGM

**Abstract.** This article highlights the environmental crisis from the perspective of the industrial genesis, which conditioned the human being and other species to a life full of risks and uncertainties. Based on some authors, that have dedicated their studies to the environmental issues, this systematization presents the degradation levels attributed to the Planet, and points out to the developmental needs related to the ethic-environmental politics that can minimize the ecological crisis of the current conjuncture. Its intention is to collaborate with some reflections about a new paradigm in order to contemplate some sustainability, indispensable to ensure dignity and quality of life to populations that will still managed by the Mother Earth.

**Keywords:** Society, Environment, Economical Paradigm, Sustainability.

---

<sup>1</sup> Dados das autoras ao final do artigo

## DESARROLLO SOSTENIBLE: MITO O REALIDAD EN LA EMERGENCIA DE UN NUEVO PARADIGMA

**Resumen.** Este artículo destaca la crisis ambiental vivenciada a partir del surgimiento de la industria, que ha condicionado el ser humano y otras especies a una vida de riesgo e incertidumbres. Teniendo como base una revisión de autores que dedican sus estudios a cuestiones ambientales, esta sistematización presenta los niveles de degradación conferidos al planeta y debate la necesidad de desarrollo de políticas ético-ambientales que reduzcan la crisis ecológica da la coyuntura actual. Su intención es colaborar con reflexiones acerca de un nuevo paradigma que contemple la sostenibilidad, indispensable para asegurar dignidad y calidad de vida a las poblaciones que aun serán generadas por la madre Tierra.

**Palabras clave:** Sociedad, Medio ambiente, Paradigma económico, Sostenibilidad.

### Introdução

Este estudo destaca a crise ambiental vivenciada a partir da gênese da indústria, que condicionou o ser humano e outras espécies a uma vida de risco e incertezas. Portanto, apoiando-se na literatura de renomados autores nacionais e internacionais, este artigo foi elaborado com a pretensão de evidenciar as atuais condições ambientais configuradas em nível global e, sobretudo, as perspectivas de mudanças, por meio da emergência de um novo paradigma condizente com as premissas da sustentabilidade.

A investigação bibliográfica permite concluir que a realidade ambiental do mundo é lamentável e que o sistema econômico vigente promoveu degradações socioambientais alarmantes. Contudo, há de se evidenciar que a instabilidade gerada pelo sistema capitalista pode nos despertar para uma mudança de percepção, que nos conduza a um novo paradigma, fundamentado por uma ética ambiental e pelas premissas da sustentabilidade. É por meio dele que uso do planeta pode ser reorganizado, concedendo estabilidade e segurança a esta imensa rede de conexões denominada ‘teia da vida’.

Todavia, os autores abordados na revisão bibliográfica são unânimes ao ressaltar que os atuais níveis de desenvolvimento econômico são concentradores de riquezas e depreciadores dos recursos naturais da Terra. Esta conclusão sugere o quanto é complexa a adoção de uma nova perspectiva comportamental.

O estudo de obras que denunciam o maltrato da espécie humana com o planeta, intensificado no pós Revolução Industrial, permite constatar que os ditames do desenvolvimento econômico nos colocaram na mão de um planeta em condições caóticas e insalubres, além das demais problemáticas tocantes à segregação social, disparidade econômica e supressão de recursos naturais que apontam para a precariedade da vida na Terra. Portanto, resta-nos reverter esta situação por meio de

uma mudança de paradigma, cujas características se expressam pela formação de governos e sociedades mais éticos, justos e solidários.

### **Desenvolvimento econômico desigual e a ruptura das relações ecológicas em nível global**

O planeta vem sofrendo pelos desgastes provenientes das atividades de uma sociedade humana demasiadamente consumista e individualista. Denominada por Capra (1996) como uma crise de percepção, na qual o ser humano parece não entender que o modelo vigente de desenvolvimento contribui acentuadamente para a devastação do planeta, a realidade atual aponta para um planeta degradado e que, em decorrência, fragiliza o bem-estar das mais diversas formas de vida.

Além desta observação, Capra levanta outras reflexões, sendo parte delas destacadas na sequência:

- todos habitantes da Terra formam uma imensa comunidade determinada por uma forte conexão com as mais diferentes espécies e com os demais fatores existentes;
- a crise ambiental planetária e o explosivo crescimento demográfico somente serão resolvidos quando se estabilizar a pobreza em âmbito mundial;
- a extinção de espécies de animais e vegetais em massa só será resolvida no momento em que forem sanadas as extensas dívidas externas dos países do sul;
- as grandes fases de expansão populacional geram a exaustão dos recursos naturais e o colapso de sociedades tradicionais.

Portanto, para a melhoria das condições ambientais do planeta é necessário que o homem introduza em seu modelo de desenvolvimento uma mudança de paradigma, adquirindo, sobretudo, uma visão holística e ecológica. Essa mudança de paradigma consiste, especialmente, em uma transcendência de valores e de modelo de desenvolvimento.

Ainda para Capra (1996) essa mudança se concede pela inclusão de um modelo de ecologia fundado pelo filósofo norueguês Arne Naes, denominado 'Ecologia Profunda'. O modelo consiste, sobretudo, na não separação do ser humano do meio natural. Portanto, vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma grande rede de fenômenos interligados, formando uma imensa conexão na qual o homem é apenas um nó da totalidade.

Um dos primeiros passos para que haja a concretização da mudança de paradigma é o conhecimento da estrutura do paradigma dominante. Somente após a consciência sobre o presente, é possível colocar em prática a emergência do novo referencial, levando em consideração o que há de relevante em termos de bons valores no atual.

A Ecologia Profunda ou Ecologia Humana se fundamenta em valores éticos e diverge do paradigma vigente, pois este se fundamenta em valores antropocêntricos. A se concentrar em valores ecocêntricos (centralizados na Terra), a nova visão paradigmática transcende parte dos valores cultivados com a ascensão do modelo capitalista, concedendo respeito a todas as formas de vida e formando uma rede de conexões de interdependência entre todos os seres vivos, na qual cada ser, incluindo o humano, forma um nó de uma vasta teia denominada de ‘teia da vida’.

A emergência pela ética da Ecologia Profunda é perceptível inclusive pelas ações da comunidade científica que caracteriza parte de suas atitudes na contramão deste paradigma. Portanto, a emergência é também por padrões ‘ecoéticos’ na ciência, tanto quanto na política e na sociedade civil de modo geral.

As características da Ecologia Profunda condizem com o conceito de sustentabilidade, já que esta mudança de paradigma equivale a uma forma de desenvolvimento que não promova a exaustão dos recursos naturais e de outras formas de vida, possibilitando qualidade de vida e acesso aos recursos naturais para as futuras gerações.

Nessa ressignificação, é relevante a observação de Capra (2002) quando alerta que as redes metabólicas dos sistemas biológicos correspondem às redes de comunicações e redes econômicas dos sistemas sociais. Nesse emaranhado, mudar implica considerar que as sociedades humanas também são constituídas por intensas redes, tais como as demais sociedades de seres vivos, formando conexões ocultas entre todas as formas de vida e, portanto, a mudança demanda de uma interconexão planetária.

O autor também relata que no decorrer do século XX o capitalismo obteve, em sua fase financeira, a expansão em nível global, consignando redes invisíveis e causando forte segregação econômica e social. Com um moderno de sistema produtor de mercadorias, provocou disparidades sociais internas e entre sociedades distintas. Entre os resultados desta investidura observam-se diferentes situações, tais como: em uma mesma cidade convivem lado a lado pessoas dotadas de poderio financeiro com pessoas desafortunadas; a desigualdade entre os países desenvolvidos (do norte ou centrais) se acentua cada vez mais em relação aos países subdesenvolvidos (do sul ou periféricos); os impactos causados pelo atual sistema econômico transcendem o social, tornando-se socioambientais, já que este modelo vigente é causador de grandes externalidades negativas ao meio ambiente.

Capra (2002) também denuncia que no seio da sociedade capitalista as pessoas vêm se tornando cada vez mais individualistas e consumistas, cristalizando a valoração ao indivíduo não por seus valores éticos e morais, mas por seu poder aquisitivo, decorrente de tal situação financeira. Nesse âmbito, o ser humano dotado de caráter, sabedoria, relações harmoniosas com o meio ambiente e com o outro é pouco valorizado. Por outro lado, pessoas desprovidas de tais qualidades humanas, porém

possuidoras de capital e poder de aquisição, são mais valorizadas e visualizadas como exemplos de sucesso.

Para o autor, o capitalismo conseguiu forte expansão e se configurou gradativamente como o causador do estresse ambiental. Na contramão, surge o 'movimento ecológico' que se caracteriza por fundamentos sólidos em valores éticos e morais, concedendo circulação contínua à matéria e a redução do consumo de recursos naturais. É neste modelo de economia que a produção se faz reaproveitando matéria e energia e, sobretudo, reduzindo as entropias ao meio ambiente.

Todavia, é relevante ressaltar que a mudança para um modelo de desenvolvimento sustentável, implica em grandes esforços que precisam ser disseminados globalmente. É necessário sair do caos e gerar novas formas de convivência do ser humano com ele mesmo, com os outros seres e com o planeta.

### **Revolução Industrial: nascimento da fábrica, início do estresse ambiental**

Braun (2001) é um dentre os vários autores que ressaltam a origem da crise econômica e ambiental do planeta, relacionando-a a primeira revolução industrial, ocorrida na Inglaterra em fins do século XVII e início do século XVIII. A partir de então, em nosso planeta houve a humanização da natureza sem precedentes, com a intensificação de externalidades negativas jamais assistidas anteriormente na história da humanidade.

Nesse modelo cultivado por décadas, a industrialização foi intensificada para suprir as necessidades do explosivo crescimento demográfico, deixando impactos ao meio ambiente que a atual geração não consegue sanar. Entre as dívidas ambientais, estão os grandes avanços tecnológicos e o desenvolvimento acelerado dos países ricos, por meio de megaempreendimentos, causando níveis de impactos ambientais cada vez mais avassaladores.

De acordo com Braun os índices de degradação ambiental foram tão expressivos até a década de 1970, que fizeram surgir na Itália o Clube de Roma, encontro para reunir a comunidade científica mundial com a finalidade de discutir e propor soluções relacionadas ao meio ambiente. É a partir deste momento que se desencadeia uma série de encontros dos mais variados tipos, objetivando sanar problemas de caráter ambiental. Um dos resultados destes encontros é o Relatório Bruntland, que descreveu os macroproblemas ambientais, tanto de países industrializados como daqueles em vias de desenvolvimento, propondo inclusive a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92. Contudo, as diretrizes estabelecidas por esta conferência para preservar o planeta e as questões básicas socioambientais continuam vistas com certo descaso por autoridades políticas.

Por outro lado, e ainda de acordo com Braun, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (PNUMA), em seu relatório anual,

demonstrou que os índices de degradação ambiental em nosso planeta se encontram bastante acentuados. Entre os dados destacados pelo referido relatório, consta uma série de problemáticas relacionadas à fome, carência de água, desaparecimento de espécies de animais e vegetais, desmatamento de florestas nativas, erosão e perda de solo, extinção de espécies de peixes em oceanos em detrimento da pesca exploratória, doenças transmitidas a populações pobres pelo consumo de água contaminada, aquecimento global promovido pelas atividades antrópicas mediante as emissões de gases de efeito estufa e a má distribuição de renda planetária etc.

Para o referido autor a crise ambiental planetária tem suas raízes relacionadas à crise econômica e social, que de forma sistêmica causam desequilíbrio ecológico. Assim, se criarmos uma situação de impacto a um determinado subsistema, estaremos consequentemente afetando os outros.

### **Meio ambiente preservado e qualidade de vida: a consequência da sincronia homem/natureza**

Aveline (1999) alerta sobre a necessidade do ser humano resgatar uma vivência harmoniosa com a natureza. O autor também relata que na atualidade a sociedade humana, de um modo geral, apresenta hábitos nada saudáveis no seu modo de viver. Vivemos em uma sociedade egoísta, individualista e que atribui mais valor aos bens materiais, gera relações hostis e situações caóticas e insalubres. Temos como exemplos as várias guerras e conflitos entre sociedades que dualizam ideologias e situações de exploração sobre sociedades tradicionais.

Este autor nos ressalta que o moderno sistema produtor de mercadorias tem promovido um padrão global de vida insalubre. Ou seja, a humanidade tem um modelo de vida nada condizente com as premissas de uma vida saudável, afinal, tudo o que precisamos para uma vida com qualidade a natureza nos concede, contudo, constituímos lentamente um modelo no qual desvalorizamos o que é natural e desrespeitamos o que a mãe Terra nos concedeu gratuitamente.

Contraopondo-se a este modelo, a Organização das Nações Unidas (ONU) tem a função de consolidar, no seio da sociedade global, um mundo mais democrático, caracterizado por uma maior justiça social (Aveline, 1999). O autor também faz referência à necessidade de uma relação mais sincrônica com outros seres vivos, afinal formamos uma única rede de conexões em que há grande grau de dependência entre os membros e, neste sentido, a relação com o meio ambiente também se dotar-se de respeito. Locais que já adotaram este modelo responsável de viver, melhoraram, segundo o autor, a qualidade de vida e conquistaram tranquilidade mental e felicidade.

## **Dicotomia Norte-Sul: a face visível da desigualdade social e de diferentes apropriações dos recursos naturais**

Segundo Morin (1995) a crise ambiental planetária tem entre vários fatores, o econômico, sendo que a economia é uma instância autônoma com dependência a outras instâncias (sociológica, cultural, política) e, estas, por sua vez, são dependentes umas das outras em seu caráter autônomo. Portanto, sendo a economia um sistema auto-organizador, todo sistema auto-organizador é também auto-eco-organizador. Então a economia é ao mesmo tempo autônoma e dependente em relação a seus ecossistemas.

Em suas análises, o autor afirma que o processo exponencial de crescimento econômico planetário não acontece de forma homogênea, fato que desencadeia a existência de países mais e menos desenvolvidos. Por outro lado, elevados índices de desenvolvimento econômico para algumas sociedades se consolidam efetivando a exploração ambiental e social de sociedades humanas mais frágeis na lógica do sistema capitalista.

Nessa perspectiva, as desordens nas cotações de matéria-prima para o processamento industrial acontecem de forma desastrosa ao meio ambiente e com grandes explorações sociais. Sobretudo, o crescimento econômico em seu caráter exponencial possui impactos que transcendem a degradação da biosfera, atingindo a degradação da psicosfera, ou seja, de nossos valores morais e nossa vida mental.

Morin ainda afirma que o crescimento demográfico exponencial é outro fator condicionante da crise ambiental. Para perceber a gravidade dessa relação, basta comparar a população terrestre que em 1800 era de um bilhão de pessoas com a atual que excede os seis bilhões de seres humanos.

O autor também alerta que a população terrestre não se distribui uniformemente e que essa distribuição de caráter heterogêneo, é um fenômeno negativo para as condições ecológicas da Terra. Portanto, o planeta possui regiões com grandes densidades demográficas e outras com grandes vazios populacionais, ocasionando degradação ambiental de características heterogêneas em suas espacialidades. Todavia, tal crescimento demográfico explosivo caracterizado por irregularidades espaciais, além de gerar grande exaustão dos recursos naturais e problemas de cunho social, condiciona determinadas regiões como a China e Índia a adotarem medidas contraceptivas e alguns países da União Europeia a estabelecer campanhas favoráveis à natalidade, como é o caso da Alemanha.

Para o mesmo autor, o aspecto do perigo ecológico planetário surgiu com o anúncio da morte do oceano por Ehrlich em 1969 e o relatório de Meadows, encomendado pelo clube de Roma em 1972. Apesar das profecias apocalípticas, os níveis de degradação ambiental têm aumentado significativamente, inclusive em anos recentes.

Entre as externalidades negativas ao meio ambiente podem ser destacadas grandes catástrofes como: acidentes nucleares; derramamentos nos oceanos; poluição do lago Baikal; poluição de rios europeus que, em detrimento das pequenas extensões territoriais destes países, os impactos nas suas águas transcendem as fronteiras geopolíticas; crescimento desordenado de cidades; urbanização em regiões ecologicamente frágeis (zonas costeiras, encostas de morros e margens fluviais); empobrecimento em áreas agrícolas e urbanas; perda da biodiversidade; emissão de gases poluentes; desmatamento; erosão e salinização do solo; inundações em áreas urbanas e rurais, etc.

Sobretudo, o desenvolvimento industrial contribui para as sociedades ocidentais dos países do norte, causando-lhes bem-estar e situações confortáveis por serem economias bem sucedidas. Porém, a geração de riquezas conquistadas por alguns é feita sobre forte exploração de sociedades mais fragilizadas perante o capitalismo. Com isso, os produtos industrializados para conceder uma vida mais fácil aos habitantes do primeiro mundo são produzidos por meio de exploração social e degradação ambiental dos países periféricos.

Morin conclui parte de suas reflexões sobre a realidade planetária, afirmando que o desequilíbrio social e econômico norte/sul se acentua cada vez mais e que os 25% da população terrestre que vive nos países desenvolvidos consomem 75% da energia disponível no planeta. Ou seja, os índices de poder de aquisição se distribuem com intensa heterogeneidade.

Nesse processo, a forte exploração que se evidencia das nações ricas sobre as pobres, colocam os países africanos e latino-americanos a ter na agricultura mecanizada, a força motriz de sua economia. Consequentemente, aumenta o desemprego no campo, promovendo o êxodo rural, fenômeno social causador do inchaço nas cidades e da formação de desertos demográficos no campo. A partir de então, se consolida o processo de megalopolização decorrente da intensa urbanização, afetando efetivamente a realidade ambiental.

Este crescimento verificável das cidades dos países pobres ou no máximo emergentes é um fenômeno que intensifica a profunda segregação social, uma vez que em seus espaços convive, lado a lado, uma minoria abastada com a grande massa de desafortunados. Estas urbes, em detrimento de sua megapopulação, são cidades que o poder público não consegue oportunizar a infraestrutura à sua totalidade populacional, intensificando, sobretudo, a formação de ambientes caóticos, insalubres e sem a mínima qualidade de vida.

É diante dessa realidade que Moran alerta que o intenso processo mundial de industrialização promove, além da urbanização, a intensificação da agricultura mecanizada, sob a forma monocultora. Esse avanço ideológico nas fronteiras agrícolas interfere inescrupulosamente nas sociedades humanas tradicionais, desrespeitando suas culturas e saberes, que muitas vezes são milenares. Um exemplo

significativo de grande atrocidade contra populações tradicionais é a construção de barragens, quando a formação de lagos artificiais intercepta os fluxos migratórios da ictiofauna, ocasionando a supressão da vegetação nativa, a poluição e assoreamento do leito de rios, a perda de habitats, além de conduzirem sociedades tradicionais a abandonarem suas residências nas quais viveram durante gerações, ocasionando às mesmas graves problemas de ordem psicossocial.

Diante dessa realidade, o autor questiona se o próprio desenvolvimento econômico e tecnológico não é o fator que está deixando a sociedade ocidental doentia. Sobretudo, pela instabilidade que se evidencia em tal sociedade, por meio de relações afetivas que se iniciam intensamente, contudo, se arrefecem no cotidiano do relacionamento, se desgastando e tendo em seu término a substituição por outro amor, provavelmente também passageiro. O mesmo também acontece nas relações de consumo, na qual a insatisfação é constante e a busca por algo novo nunca se acaba. Tal configuração social concede à geração atual a denominação de 'sociedade de consumo'.

Nesse sentido, Morin destaca que na atual conjuntura há uma grande perda de valores. O sentimento amoroso, amistoso, pacífico, de satisfação, foi substituído por relações de pequena durabilidade, sentimento de angústia, insatisfação, frustração, resultantes de transtornos psíquicos causados pelo atual modelo de desenvolvimento.

Em sua obra 'Terra Pátria' Morin também evidencia que o desenvolvimento desenfreado da tecnociência é altamente perigoso ao colapso social e ambiental, sobretudo, por ser este um modelo de desenvolvimento cego, intensificador dos riscos ecológicos, demográficos e de instabilidades entre sociedades e civilizações distintas e até mesmo no interior de um mesmo grupo social e/ou civilizacional.

Portanto, este modelo de desenvolvimento tecnicista, promovedor de desenvolvimento do subdesenvolvimento, está causando uma crise geral no planeta. Diante disso, a necessidade da gênese de um novo paradigma é cada vez mais evidente, emergente e a única possibilidade de sobrevivência do planeta.

### **Atividades econômicas locais, consequências ambientais globais**

Trevisol (2003) ressalta que o homem produziu ao longo de sua existência profundas transformações na superfície terrestre e é certo que estas se caracterizam por grandes degradações ao meio ambiente, resultado da ação antrópica que tem deixado o planeta doente. Para o autor, o planeta é um único e imenso ecossistema, portanto, os transtornos ambientais promovidos por ações humanas desordenadas em um determinado espaço, promovem impactos ambientais que transcendem o local, vindo a ter consequências globais.

Dessa forma, mesmo as sociedades mais desenvolvidas tecnologicamente podem degradar o geossistema. Sendo, que os reflexos de suas políticas exploratórias são

sentidos em espaços distantes, inclusive em sociedades que possuem uma relação mais harmoniosa com a mãe Terra.

Para Trevisol o ser humano teve sua gênese no planeta em épocas bastante recentes. Ou seja, a terra possui aproximadamente 4,5 bilhões de anos e o aparecimento do homem se concretizou a míseros dois milhões de anos atrás. Este pequeno espaço de tempo foi o suficiente para promovermos profundas alterações indesejadas pela Terra e colocarmos este imenso sistema planetário (geossistema) em agonia.

O autor também destaca que se fizermos um resgate social e histórico, veremos que as sociedades primitivas tinham uma relação mais amistosa com o planeta e, que é exatamente no decorrer da história humana, que esta relação vai se desgastando até tornar-se extremamente desarmoniosa. Ao tratar do assunto, Trevisol faz uma divisão, classificando em três fases distintas a forma de relação entre o homem e natureza:

- fase de dependência e temor à natureza: consiste numa relação harmoniosa, de respeito, orgânica entre as sociedades humanas e a natureza. O homem, neste momento inicial de sua história, faz grande referência à natureza até mesmo em suas religiões, ressaltando tudo o que a natureza lhe concedia. A natureza era algo divino ou até mesmo demoníaco se este fenômeno se tratasse de catástrofes. Todavia, tal relação homem/natureza expressava poucas agressividades e desrespeitos ao que fosse natural.
- fase de dominação da natureza: caracteriza-se como o momento em que o ser humano passa a ter uma relação de certa dominância sobre os aspectos naturais. Nesta fase o nascimento da ciência concede o grau de ousadia ao homem e o comportamento abandona a visão teocêntrica para a adoção do antropocentrismo e de uma concepção heliocêntrica do universo.
- fase de criação da natureza: tendo seu início com a origem da revolução industrial, consiste em uma relação do homem com a natureza na qual há uma intensa sociabilidade do que antes era natural. Segundo Guiddens (2000) são raros os processos naturais que se executam individualmente sem a influência do homem. Neste sentido, o homem constrói a natureza por meio de sua humanização. Para tomarmos referência a isto, basta ver que são poucos os espaços dotados de sociedades humanas que possuem baixos índices de antropização.

Com base em Antony Giddens e Ulrich Beck, Trevisol afirma que aliado ao advento da industrialização e com o avanço do sistema capitalista, se consolidou uma sociedade de risco. Todavia, as sociedades pré-capitalistas, não possuíam esta vulnerabilidade causada pelo Modo de Produção Capitalista (MPC) e seus riscos se limitavam as catástrofes naturais. Tal situação foi se alterando com o advento do capitalismo, que se cristalizou como ideologia econômica hegemônica com a gênese da indústria.

Para tanto, o desenvolvimento da industrialização e o surgimento da modernidade condicionaram grandes inseguranças e instabilidades às sociedades, condicionando-as a viverem atualmente com grandes dúvidas e incertezas. Sobretudo, podemos citar como exemplos de riscos que assolam a humanidade no contexto atual, os seguintes:

- riscos que decorrem das crises que atingem o mercado financeiro internacional;
- riscos ligados à saúde pública, que decorrem de epidemias de grande impacto;
- riscos ligados à prática sexual, especialmente nas doenças sexualmente transmissíveis;
- riscos ligados à guerra e acidentes nucleares, químicas, bacteriológicas e genéticas;
- riscos que decorrem do consumo de alimentos contaminados por bactérias e toxinas;
- riscos decorrentes do aquecimento global e da destruição da camada de ozônio, especialmente o câncer de pele e doenças associadas a visão;
- riscos provocados pela revolução genética e biotecnológica em curso;
- riscos tecnológicos, especialmente acidentes, explosões, vazamentos, incêndios, etc;
- riscos que decorrem da miséria, do desemprego, da subnutrição, da ausência de água potável, de esgoto, da falta de tratamento do lixo etc;
- riscos sociais e afetivos, decorrentes das crises de relacionamento: interpessoais, matrimoniais, de educação dos filhos etc.

Já que estamos tratando de sociedade e meio ambiente, devemos destacar a situação em que Trevisol reafirma que atualmente os impactos ambientais, na maioria das vezes, extravasam o local, atingindo o regional e muitas vezes até mesmo o global. Assim, quando poluímos um rio em um determinado espaço, a poluição se expandirá por toda a bacia hidrográfica, muitas vezes até mesmo transcendendo fronteiras geopolíticas.

Portanto, está claro que todas as sociedades vivem sob riscos severos, até mesmo aquelas que habitam lugares isolados e distantes da dinâmica do meio urbano, pois vivemos em um único ecossistema (geossistema) e tudo o que se faz a nossa mãe Terra, se faz aos filhos da Terra. Esse processo é amparado pelo auxílio dos ventos, massas de ar, correntes marítimas, águas correntes dos rios, fazendo a poluição e doenças de veiculação hídrica promoverem o desconforto para aqueles que não são mercedores das impurezas, sobretudo, por não as promoveram.

## **Racionalidade ambiental: a saída da crise aponta esse caminho**

Para o pensador mexicano Enrique Leff (2001) no seio do sistema capitalista se consolidou um modelo de vida altamente degradador do meio ambiente e de desrespeitoso as sociedades tradicionais. Tal forma de desenvolvimento que tem se cristalizado ao longo dos últimos duzentos anos é extremamente nociva ao meio natural e social, pois extrai excessivamente os recursos naturais do planeta, diminuindo a qualidade de vida de populações tradicionais e comprometendo o uso dos recursos pelas gerações futuras.

Essa sociedade que extrapola em sua relação com o meio ambiente, necessita consolidar urgentemente uma mudança de paradigma que se caracterize na 'racionalidade ambiental'. Sua constituição é sustentada por valores de respeito ao meio ambiente, a seus ecossistemas naturais e sua diversidade cultural. Sobretudo, que a busca por status, valores financeiros, prestígio e poder sejam substituídos por valores tradicionais, tais como; sentimento de enraizamento, equilíbrio, pertença, coesão social, cooperação, convívio e solidariedade.

Dessa forma, as sociedades passam a ter um modelo de relações parecido com as relações sociais de sociedades tradicionais, nas quais são privilegiados sentimentos de irmandade, coletividade e cooperação. Em decorrência, evitados conflitos desnecessários, exploração insustentável dos recursos naturais e disputa por poderes, entre outras medidas que evidenciam a harmonização das pessoas e destas com os outros seres vivos e com o planeta.

Para Leff (2001) essas mudanças sociais globais se constituem na saída para a crise ecológica planetária, por meio do respeito à diversidade étnica e aos ecossistemas naturais. É por meio delas que sociedade civil, governantes e cientistas podem disseminar valores que dotem a vida de ética ambiental.

## **Considerações finais**

Por meio do acesso aos estudos de clássicos consagrados na comunidade científica internacional e outros de renome nacional, sobretudo, autores que nos concedem temas relevantes da literatura socioambiental, obtivemos a oportunidade de nos aproximarmos de estudos que configuram a realidade ambiental atual, bem como as demandas indispensáveis para a manutenção da vida no planeta.

Nessa aproximação, ficou evidente que o moderno sistema produtor de mercadorias, em sua lógica de produção, gera sérios danos ao meio ambiente em sua esfera biofísica e sociocultural. Por isso, na relação homem/natureza, emerge a necessidade de rever valores, compatíveis com a sustentabilidade e, em decorrência, com preservação e criação de condições dignas de vida para os que atualmente usufruem da realidade ambiental e as gerações que estão por vir. Afinal, a mãe Terra

está para nós por empréstimo de nossos filhos e netos e, neste sentido, devemos ter a consciência de devolvê-la nas mesmas ou em melhores condições que as.

À sociedade pós-moderna cabe a função de mover-se em busca de um saber ambiental, de um conhecimento epistemológico que lhe promova melhor criticidade, evitando assistir de forma omissa as atrocidades que se fazem contra meio ambiente. Cabe à sociedade atual, em oposição aos ditames capitalistas, construtores de desigualdades sociais entre e intranacional, construir um novo paradigma em que pesem os valores intrínsecos à diversidade cultural e aos ecossistemas naturais. Afinal, somos todos pertencentes a este geossistema e, por meio de uma conexão, podemos dar mais vida ao que nos tem subsidiado a própria vida.

Para tanto, é preciso uma visão holística, sistêmica, por meio da qual o desafio aos conectados fios que tecem a 'teia da vida' tenha como centro os valores que se revertem no respeito às questões culturais e ambientais. É na emergência de um novo paradigma, com fundamento na educação ambiental, que conquistaremos uma relação mais amistosa e, portanto, equilibrada entre o homem e a natureza, proporcionando-nos melhor qualidade na vida presente e o desenvolvimento da vida humana no futuro. Portanto, entende-se que a emergência por um novo paradigma não é um mito, mas um grande desafio que precisa ser transformado em realidade.

## **Referências**

- Aveline, C. C. (1999). *A vida secreta da natureza: uma iniciação à Ecologia Profunda*. Blumenau: FURB.
- Braun, R. (2001). *Desenvolvimento ao ponto sustentável: novos paradigmas*. Petrópolis: Vozes.
- Capra, F. (2002). *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo.
- Capra, F. (1996). *Ateia da vida*. São Paulo: Cultrix.
- Leff, E. (2001). *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Morin, E. e Kern, A. B. (1995). *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina.
- Trevisol, J. V. (2003). *A educação ambiental em uma sociedade de risco: tarefas e desafios na construção da sustentabilidade*. Joaçaba: UNOESC.

**Dados dos autores:**

**Alcionê Damásio Cardoso**

UNIBAVE - Centro Universitário Barriga Verde

Mestre em Educação, Professor e Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão do UNIBAVE

Contato: alcioned@unibave.net

**Fábio Boeing**

UNIBAVE - Centro Universitário Barriga Verde

Mestre em Ciências Ambientais, Coordenador de Pesquisa e Professor dos cursos de graduação de Agronomia, Eng. Ambiental e Sanitária e do curso de pós-graduação *Lato Sensu* de Gestão Ambiental: Licenciamento e Perícia, ambos do UNIBAVE.

Contato: pesquisa@unibave.net

**Lisandro Coelho**

UNIBAVE - Centro Universitário Barriga Verde

Especialista em Gestão Ambiental: Licenciamento e Perícia, Coordenador e Professor dos cursos de Administração em Agronegócios e Eng. Ambiental e Sanitária do UNIBAVE

Contato: Lisandro.coelho@gmail.com

**Dia da recepção:** 24/04/2011

**Dia da revisão:** 25/10/2011

**Dia de aceitação:** 28/12/2011